

ECOS DO OCO

Juliana Ciambra Rahe¹

Sentada na carteira, olhava as mãos feias, unhas roídas e maltratadas. Pensando no desgaste de todos os dias, a explicação do professor eram sons sem sentido aos seus ouvidos, não mais que ininteligível harmonia. Pensava então que, se pudesse, gostaria de existir bicho. Melhor ainda seria existir planta e fazer fotossíntese. E era assim que ela se sentia quando deitava ao sol, oca de vontade de viver, seca seca seca de energias, e experimentava nascer de novo. Cada raio de sol penetrando o breu de todos os seus becos, limpando a lama de todos os seus poços.

Agora já nem isso. Desde que aquilo se partiu no de dentro. Como foi que viver se fez tão pesado de carregar? Quando foi? Não sabia ao certo. Sabia apenas que ela era toda oquidão por dentro.

Os rabiscos sem sentido na página aberta ao acaso do caderno de capa roxa iam se desenvolvendo sem que nunca tomassem uma forma concreta. Palavras soltas, frases sem nexos, sem razão. Assim como ela. Os outros todos naquela mesma sala, concentrados, ignoravam todos os terremotos, os naufrágios, os incêndios e as enchentes dentro dela. Como era possível que estivesse morrendo um pouco a cada dia e ninguém se desse conta? Pensava que todos esses alfinetes fincados fundo, todas as farpas, de alguma forma se evidenciassem, mas não. Precisava desesperadamente de auxílio, ou nem isso, apenas conselhos, consolos. Mas não ousava se desentranhar para quem quer que fosse. E suportava sozinha seus tormentos, suas tripas. Talvez fosse mesmo o tempo o único remédio. Esperava então que o tempo corroesse toda a dor que sentia.

Machucava-a a consciência de sua condição de rêmora. Farta de se alimentar apenas dos ecos e das sobras do tubarão, sufocava-a a angústia e a dor que sentia por tudo o que nunca foi para ele. Tentava não transbordar pelo azul dos olhos, barba, covinhas e sorriso feito de dentes desalinhados. Ele era RAZÃO DE TUDO. E ela vivia dele há tanto tempo que era difícil imaginar, sem sofrer, nunca mais ser dele, mesmo que fossem breves e raros

¹Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CCHS/UFMS), email: julirahc@hotmail.com

esses momentos. Absorvia sôfrega as horas escassas em que era contida nos claros dele. Recortada imensa dentro de um azul sem fim. Sem futuro.

Sentira com ele inéditas mil borboletas na alma e formigas passeando pelo corpo todo. Uma alegria tão intensa que anulava as forças. Agora já não podia se acostumar com esboços de contentamentos que os outros lhe ofereciam. Amenidades feitas de braços mornos, abraços vazios. Mas também não suportava mais essa vontade de se desmanchar em lágrimas dois, cinco, sete dias sem parar por amar sozinha. Não suportava mais as imposições cruéis desse jogo triste. Estava exausta de se agarrar a motivos inconsistentes para crer que o destino se encarregara de uni-los. Porque ela o amava explodindo desde a primeira vez que o viu, por todas as coincidências, todas as dificuldades, por todas as demoras. Por toda a cintilância e ardor do desejo que gritava alto incansável se projetando em todos os seus gestos. Porque por ele daria sua essência e também o seu avesso. Mas quem ela pretendia convencer além dela própria? Ele? Deus? Inútil!

Houve um tempo em que era toda esperanças. Fantasiava inesperados e futuros o trazendo perto todo sempre seu. Quando a distância se prolongava por demais, encontrava conforto redescobrimdo carinhos em lembranças do passado. Gestos opacos, palavras escondidas. Iludia-se. Colecionava coisas feitas que não passavam de. Acumulava nada.

Mas desperdiçou com ele tanto querer que cansou-se de ser só ela+suas frustrações. Cansou-se da vida monocolor. Dos anseios pelas suas mãos sinceras unidas às dele, fugidias. De buscar alturas e viver de penhascos, barrancos. No entanto, não estava certa da existência de vida sem ele, da existência de vida depois dele. Tantas vezes repetiu nunca mais! nunca mais! sem sequer acreditar, sem mesmo querer. No fundo, tudo o que mais temia era o nunca mais que repetia sem entusiasmo.

Perseguia-o, e sabia tanto dele que às vezes pensava fazer parte da vida que era a vida para ela. Acompanhava seus passos, seguia seus rastros, e eles a levavam sempre para o mais fundo. Gastava suas horas imaginando as horas dele. Andava pelas ruas como se sempre o procurasse. De fato, procurava-o e em vão.

Consumiu-se escrevendo cartas de amor que nunca seriam entregues. Esperando para sempre embriagar-se em deslumbramentos que lhe eram friamente negados. Imaginando finais felizes. Esgotou em si mesma tudo o que era sangue e saliva pelas sem

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CCHS/UFMS), email: julirahc@hotmail.com

medidas de um amor cultivado sem motivos, erva daninha no de dentro. Restou apenas uma massa disforme, uma carcaça, uma letargia. E uma melancolia mofada.

Aflita, buscava dentro dela vontade de ser sem ele, mas encontrava apenas uma vontade de uma vontade que não existia.

Tudo o que restava para ela era o enigma: feridas na alma cicatrizam?